

25 DE ABRIL DE 1974, DO SONHO À REALIDADE

————— António Pinão

Naquela quinta-feira de Abril, quando a liberdade ainda era um sonho proibido, um punhado de gloriosos militares, pondo em risco as suas próprias vidas, decidiu pôr termo à grande noite obscurantista que materializou durante quarenta e oito anos o regime opressor do povo português.

Eram sete horas da manhã quando, ao ligar o meu rádio, me deparei com uma programação exclusivamente musical constituída por marchas militares, intercaladas com comunicados, que vim a saber serem do Movimento das Forças Armadas, a organização militar que tinha lançado a Revolução. Senti que algo de muito excecional estaria a acontecer e questionei-me se seria um golpe de estado de direita, pois conheciam-se discretamente as intenções de um general, de seu nome Kaúlza de Arriaga, com o propósito de empurrar o País para um regime de extrema-direita, ou se, pelo contrário, estaria em marcha um golpe militar que derrubasse o regime fascista instalado, para devolver ao povo a liberdade e a democracia.

Preparei-me para sair e fui ao encontro dos meus camaradas, que já se encontravam à porta do liceu que então eu frequentava. Era a rapaziada da “União dos Estudantes Comunistas” com quem eu vinha clandestinamente colaborando desde finais de 1972, com os meus dezassete anos de idade. Esta organização, a que atrás me refiro pelo seu grau de disciplina, imediatamente mobilizou os seus membros para desenvolver uma ação cívica de agitação junto da população.

E os acontecimentos sucediam-se em catadupa, com as ações militares, em curso, dos revoltosos, num misto de incerteza quanto ao êxito do processo, tendo a população aderido espontaneamente aos intentos dos militares que encetaram a ação, com vista à devolução da liberdade ao povo.

Depois de, com um grupo de camaradas, ter percorrido diversos pontos da cidade, concentrámo-nos pelas quinze horas no Largo do Carmo onde se encontrava o Quartel da GNR, que se suspeitava acoitar os principais membros do regime fascista. Entretanto, no Terreiro do Paço, o Capitão Salgueiro Maia, com a coluna da Escola Prática de Cavalaria vinda de Santarém, cons-

tituída por alguns carros de combate, avançava para o Largo do Carmo a fim de fazer render, e deste modo cair, o antigo regime.

Recordo que nessa altura, quando o Capitão Salgueiro Maia se encontrava no Terreiro do Paço com as suas tropas, algumas complicações surgiram, pois a Marinha de Guerra não tinha manifestado a sua adesão ao Movimento, (dizia-se entre a população), preparando-se aquela, com uma fragata, para abrir fogo sobre o Terreiro do Paço, apenas sustida pela Escola Prática de Artilharia de Vendas Novas, posicionada no Cristo Rei com os seus canhões em posição de tiro.

Para além disso, uma outra complicação surgiu quando um brigadeiro com alguns carros de combate fez frente ao Capitão Salgueiro Maia; e foi apenas por alguns militares às ordens do referido brigadeiro se terem recusado a abrir fogo, é que não se deu um desenlace que poderia ter mudado completamente o curso dos acontecimentos. O brigadeiro rendeu-se e os carros de combate da Escola Prática de Cavalaria de Santarém seguiram para o Largo do Carmo.

Foi nesta altura, seriam umas dezasseis horas deste agitado dia, que eu vivi as mais fervorosas emoções, pois, com alguns camaradas e muita população, assistimos ao vivo à tomada do Quartel do Carmo, pondo-se fim ao regime que havia lançado sobre o país uma longa noite fascista que durou quarenta e oito anos.

Recordo ainda o quão maravilhoso foi, talvez por iniciativa de uma florista popular, que as espingardas, em vez de vomitarem fogo, tenham exibido, pacífica e quase que romanticamente, cravos vermelhos nas bocas das armas.

E assim a revolução de 25 de Abril de 1974 ficou mundialmente conhecida como “A Revolução dos Cravos”.